



FONTES MEDIEVAIS: O RELATORIO DE VIAGEM DE ODORICO DE PORDENONE

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3513

Jorge Luiz Voloski, UEM

Jaime Estevão dos Reis, UEM

Resumo

O pesquisador que pretende estudar as viagens na Idade Média dispõe, hoje, de um número significativo de fontes. Sua variedade é igualmente ampla, compreende desde relatos de mercadores, peregrinos, embaixadores, diplomatas e evangelizadores, bem como de reis, de nobres e de aventureiros e de caçadores. Neste trabalho pretendemos analisar o relatório feito por um viajante da categoria dos religiosos, o franciscano Odorico de Pordenone. Pouco se sabe a respeito da vida de Odorico de Pordenone, as duas principais fontes relacionadas a ele são “*Vita Fratis Odorico de Utino*” obra escrita por Bernardo de Bessa e o relatório de viagem escrito durante a sua ida ao Extremo Oriente no ano de 1314. Acredita-se que antes de 1314, Odorico tenha empreendido uma jornada ao Oriente Próximo, no entanto, essa rota não é bem documentada. Em seu relato de vigem ao Extremo Oriente, o qual é a principal fonte de desenvolvimento dessa pesquisa, Odorico usa fatos tidos como maravilhoso, para descrever aquilo com que ele se depara. Entre esses fatos podemos destacar milagres, ações demoníacas e até mesmo seres completamente diferentes como, por exemplo, homens com rostos caninos. Objetivamos, portanto, entender o maravilhoso presente no relatório, bem como analisar a visão cristã de Odorico em relação ao paganismo no Extremo Oriente.

Palavras Chave:

Viagem; Maravilhoso;
Odorico de Pordenone

Introdução

A viagem sempre fez parte do cotidiano do homem, a Antiguidade, por exemplo, está repleta de documentos, como por exemplo, os registros de viagens de Piteas de Marselha, mercador e explorador grego em 300 a. C. Na Idade Média não foi diferente. Nesse período as motivações para as viagens eram variadas, peregrinação, lazer, caça, evangelização de locais remotos, mobilidade de tropas para confrontos, etc. Muitos homens ariscavam a vida, em busca tanto de aventuras quanto de objetivos específicos.

A Idade Média Central e a Baixa Idade Média apresentam uma ampla variedade de documentos, relacionados às viagens. É possível diferenciar alguns tipos de viagens. Podemos destacar as viagens comerciais, como no caso de Marco Polo (1254-1324), viagens diplomáticas, por exemplo, Joao de Pian del Carpini (1182-1252) e missões de caráter evangelizador, como as de João de Montecovino (1247-1328). Há casos também de viagens que são tanto de cunho evangelizador, como de reconhecimento diplomático, no caso, a de Odorico de Pordenone (1265/1285? – 1311).

Elegemos, para nossa investigação, a viagem deste último personagem, Odorico de Pordenone. Não se sabe, ao certo, o ano de nascimento de Odorico, as investigações apontam para a segunda metade do século XIII, 1265 ou 1285, na Itália, mais precisamente, em Pordenone. A Europa Ocidental durante esse período e, em particular a Itália, passavam por um momento singular desenvolvimento, além do contato com povos até então desconhecidos, como os mongóis, se tinha uma expansão comercial e cristã em direção ao Oriente.

J. R. S. Phillips destaca que era na Itália que se encontravam os maiores centros comerciais. Segundo o autor, a soberania da tradição urbana, herança dos tempos romanos, o contato frequente com Constantinopla, além de sua posição

geográfica, favoreceram cidades como Veneza a ter uma ampla influência econômica. As cruzadas também influenciaram o maior contato italiano com o oriente. Pois como apresenta o autor, as cidades Italianas possuíam um papel fundamental nas cruzadas, além de executarem o transporte de pessoas e de suprimentos, eram em muitos casos Genoveses ou Venezianos, que executavam a comunicação entre o oriente e o Ocidente (PHILLIPS, 1994, p. 43-69).

No decorrer do século XIII, os europeus estabeleceram contato com os Mongóis. A tolerância do líder mongol em relação à religião, fez com que muitos clérigos fossem a lugares remotos em busca de evangelizar. Rumores, como o surgido entre os anos de 1276-1277, segundo o qual Kublai Kan (1215 – 1294), líder mongol, havia se convertido ao cristianismo, além de uma proteção especial dada aos franciscanos que fossem às terras mongóis, reforça essa ideia.

Durante o século XI, o cristianismo se difunde por todo o Ocidente. Mas seu domínio e expansão eram ameaçados por povos mulçumanos, e os mongóis em primeira instância, podem ter criado a ilusão de uma cooperação mútua para exterminar os mulçumanos. A sua evangelização poderia constituir o primeiro passo para essa junção.

Para J. R. S. Phillips, os franciscanos estavam abertos ao desafio de viagem e a evangelização em terras remotas e totalmente estranhas. A Ordem Franciscana foi fundada no século XIII por Francisco de Assis (1182 – 1226). Duas ideias principais regiam a Ordem, a pobreza e a peregrinação. É a essa Ordem que pertencia Odorico de Pordenone, acredita-se que se filiou aos 15 anos e permaneceu até a sua morte em 1331 (PHILLIPS, 1994, p. 98).

Odorico de Pordenone inicia sua viagem partindo inicialmente do Mar Grande, atual Mar Negro, chega à cidade de Trebizonda, a qual será a primeira

cidade descrita pelo viajante franciscano. Ele passa por outros lugares até então não relatados por viajantes europeus, como a região de Sumatra e a Ilha de Bornéu, além de descrever muitos fatos, relacionados à vida de Kublai Kan, como suas caças, festas e seu castelo. Ao longo do relato percebe-se que o autor mescla o maravilhoso com fatos verídicos, tendência presente na maioria dos relatos de viagens medievais.

Os relatos de viagens na Idade Média

Margaret Wade Labarge (1992), afirma que os turistas contemporâneos acreditam que nenhuma outra geração precedente viajou tanto, e nem correspondeu com maior entusiasmo ao encanto de lugares distante. Para a autora, essa crença está totalmente desvinculada da realidade, ao contrário, muitas das viagens luxuosas contemporâneas sequer poderiam competir com a elegância de uma comitiva de viagem de alguns nobres medievais (LABARGE, 1992, p. 11).

Os viajantes medievais formavam um grupo muito extenso e de natureza muito variada. Entre eles é possível identificar peregrinos, comerciantes, evangelizadores, diplomatas, embaixadores, aventureiros e muitas outras categorias. As formas como viajavam também variavam, desde luxuosas comitivas como as da alta nobreza, reis e rainhas a pregadores franciscanos e dominicanos, que rumavam ao Oriente somente com a roupa no corpo.

Analisar livros relacionados com viagens medievais ou até mesmo relatos de viagens como o de Odorico de Pordenone, nos dá uma perspectiva em relação ao expansionismo europeu e suas motivações para chegar às terras desconhecidas. Segundo J. R. S. Phillips, o interesse de evangelizar o Oriente era, de certa forma, uma esperança de conseguir apoio para lutar contra os muçulmanos (PHILLIPS, 1994, p. 153).

Sabe-se, entretanto, que os objetivos eram muito mais amplos e que outros interesses, como o de comercializar, participar de aventuras ou missões diplomáticas também explicam as motivações para as viagens, especialmente para a Ásia e o Oriente, a partir de meados do século XIII. Não se pode esquecer, ainda, das viagens de visitas a parentes, das longas viagens praticadas pelos nobres em suas diversas propriedades, das peregrinações a lugares considerados santos, como Santiago de Compostela, Roma, Canterbury e Jerusalém.

Sergio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*, usa o termo “aventureiro”, para sintetizar, de forma simples, os ibéricos, em especial, os portugueses, que se lançavam à colônia em busca de aventuras (HOLANDA, 1936). Mas o interesse pela aventura não foi uma característica apenas dos povos da Península Ibérica, jovens aristocratas ingleses e franceses também se aventuravam em viagens por estarem insatisfeitos em seus locais de origem (LABARGE, 1992, p. 14).

Esses ditos “aventureiros” colaboram, através de seus escritos, para a formação intelectual de pessoas de seu tempo, demonstrando, ainda, a mentalidade das mesmas. Pela impossibilidade de muitos viajarem a terras distantes, na Baixa Idade Média a propagação de livros que descrevem tais viagens é grande. Alguns livros, como as *Viagens de Jean de Mandeville*, relatam mais casos maravilhosos do que propriamente verídicos. Aliás, o relato de Mandeville se insere no caso dos livros de “viagens imaginárias”, uma vez que autor de fato não viajou aos lugares que descreve. Mesmo assim esses textos contribuíam na formação da mentalidade da época e estudá-los é de suma importância para a compreensão da expansão do Ocidente na Baixa Idade Média

Eugenia Popeanga ressalta que com o passar dos anos e com o fim cada vez mais próximo da Idade Média, os

escritores de livros de viagens se inclinam cada vez mais para o que ela chama de “mundo das maravilhas”. Segundo a autora, não é de se espantar o fato de que inicialmente o relatório de Odorico parta de uma narração linear, para depois se converter em um livro de viagens “centrado em torno a dos unidades culturales: el milagro y la maravilla” (POPEANGA, 1992, p.39).

Não é só no relatório de Odorico ao Oriente que se pode constatar a presença do maravilhoso e do milagroso, em inúmeras situações, tal característica se apresenta. Segundo Jacques Le Goff, o homem medieval via no Oriente um grande reservatório do maravilhoso, onde tudo se concentra. É no oriente que se encontra o bem e o mau, as maravilhas e os hereges, além disso, é lá onde teremos um grande horizonte onírico e mágico. (LE GOFF, 1994, p. 62).

Todavia, o termo “maravilha” no Ocidente medieval não tem o mesmo significado de hoje. Michel Mollat destaca que etimologicamente a palavra maravilha, “designa o que assombra e seu significado se estende desde o que é insólito até o que parece estranho, e inclui o que é contrário a natureza” (MOLLAT, 1990, p. 101). Todavia há uma diferença entre o maravilhoso e o estranho. Para Jacques Le Goff o estranho, poderia ser diluído pela reflexão, enquanto o maravilhoso deixa sempre um resíduo sobrenatural que nunca se conseguira explicar por outra coisa que não seja o sobrenatural (LE GOFF, 1994, p. 49).

Odorico de Pordenone e seu relato

Os historiadores têm discutido acerca da importância das fontes para o trabalho do historiador. Para Henri-Irénée Marrou a “Historia faz-se com documentos”. Em seu livro intitulado Sobre o conhecimento Histórico, o autor afirma que “o historiador não é o necromante que imaginávamos, capaz de evocar a sombra do passado por processos encantatórios”, o único meio de construir

a história, seria através de “traços, inteligíveis para nós” os quais são deixados pelo passado e em certo momento os reencontramos e podemos interpreta-los, construindo assim a história (MARROU, 1978, p. 55-56).

Nem todos os acontecimentos ou fatos históricos foram registrados em documentos. Isso não significa que estes não ocorreram, mas a falta de registro impede a sua análise. A falta de documentos faz com que

muitos dos problemas que o historiador poderia levantar, muitas das questões que ele efetivamente propõe ao passado, estão fadados a permanecer sem solução nem resposta por faltar uma documentação adequada (MARROU, 1978, p. 56).

Ao nos depararmos com a figura de Odorico de Pordenone, uma das dificuldades é a escassez de documentos relativos à vida e atuação desta personagem. Existem apenas duas fontes relacionadas diretamente a sua vida. A primeira, seu Relatório de viagem, o segundo, um pequeno livro intitulado Vita Fratis Odorico de Utino, esse livro foi escrito, como destaca Fernando Ponzi Ferrari, em uma tentativa de divulgar a santidade de Odorico, além de “impulsionar seu processo de canonização” (FERRARI, 2014, p. 48-49)

Ainda em relação às fontes que se referem a Odorico, Eugenia Popeanga se refere à obra intitulada Ultramarino. Segundo a autora tal livro foi escrito por volta do século XV e possuía como objetivo descrever o mundo de forma geral juntando vários textos. O livro está organizado em sete tratados, no entanto, só o segundo se refere a Odorico de Pordenone. O escrito agrega as ideias de Odorico não de forma direta, mas, indicando que se trata de uma narração feita por Odorico. (POPEANGA, 1992)

Um dos temas presentes no Relato de Odorico Pordenone é o do

“maravilhoso”. Paulo Lopes ao refletir sobre a descrição de fenômenos maravilhosos nos livros de viagens medievais, afirma que

o princípio de credibilidade não funcionava para os leitores destes livros, da mesma forma que para os atuais. Os critérios que estavam na sua base eram inequivocamente distintos. Os leitores de então liam a obra segundo uma pluralidade de perspectiva, sendo, como os autores, indiferentes aos critérios de credibilidade (LOPES, 2006, p. 15).

O homem medieval possuía uma imaginação fértil em relação a locais desconhecidos. A lenta propagação do conhecimento fazia com que ao se deparar com fatos até então desconhecidos, os indivíduos partissem para uma explicação metafísica, baseada em seus conhecimentos culturais. Segundo Michel Mollat:

Los exploradores traían, pues, hábitos de pensamiento y sistemas de valores que regularon su conducta y les servieron de marco de referencia en su confrontación con los hechos nuevos. A ello se añadían, bien entendido, las disposiciones y las intenciones personales de cada uno. Así, cada quien construía de alguna manera su objetivo y lo que veía se situaba en el plano de su propia expectativa, en concordancia o discordancia con ella (MOLLAT, 1990, p. 97).

De acordo com Fernando Ponzi Ferrari, os livros de viagens medievais pode ser divididos em quatro categorias: cartas, como as de Guilherme de Rubruck; descrições, nas quais se insere o texto de Guilherme Adão de Felice; relatos inseridos em outras obras e enciclopédia, como a obra de Simão de Saint-Quentin; por fim, livros os quais possuem “certa autonomia, geralmente oferecendo uma fórmula de veracidade e apresentando o narrador com seus títulos (frades,

cônegos, etc.) no prólogo e no Epílogo” (FERRARI, 2014, p. 45-47). Nesta última categoria se insere o Relato de Odorico de Pordenone.

Dos dezoito textos escritos por mendicantes em relação às suas viagens ao Extremo Oriente, cerca de quinze, incluindo o de Odorico de Pordenone, foram escritos em latim. Isso porque a língua litúrgica aparenta ser uma “opção natural” para os escritos daqueles que observavam o mundo com uma lente religiosa. Além disso, o latim “oferece ao documento uma possibilidade de difusão máxima, ignorando fronteiras políticas e linguísticas” (FERRARI, 2014, p. 62). No caso dos viajantes franciscanos, os relatos poderiam servir também como uma “carta aberta”, um alerta a todos os cristãos, viajantes ou não, sobre o perigo tártaro.

Fernando Ponzi Ferrari chama atenção para o fato de que o relato original de Odorico de Pordenone se perdeu. As cópias apresentam vários problemas, “embora o corpo do texto seja semelhante em quase todos os manuscritos, e narrem os mesmos episódios, o princípio e o fim desses escritos são especialmente mutáveis” (FERRARI, 2016, p. 8).

O Relatório de Odorico o qual tomaremos como base, para o desenvolvimento dessa pesquisa, é dividido em 38 capítulos. Tais capítulos, em sua maioria, são escritos em primeira pessoa, no entanto, existem partes que são descritas na terceira pessoa. Citemos como exemplo o capítulo oito, no qual Odorico narra o martírio de alguns frades no Oriente, mas, tal capítulo, em seu final, volta ao estilo de narração em primeira pessoa, assim que Odorico expõe um milagre vivenciado por ele.

O primeiro fato dito como “Maravilhoso” no relatório de Odorico aparece no capítulo sete. Neste capítulo o autor explica que saindo da Índia chega ao Mar Oceano, atualmente chamado de Oceano Índico. Desembarcou na cidade de Hormuz. Nesta cidade, segundo o relato, se tem homens com testículos tão

grandes que saem do corpo chegando até a metade das pernas.

A incidência de descrições às quais possuem ligação com a Bíblia também está presente ao longo do escrito de Odorico. Fica clara tal ideia, no capítulo sete, do relatório onde o personagem afirma ter passado ao lado da Torre de Babel, além do mais, o autor aponta que na região onde se encontra essa torre bíblica, os homens possuem língua própria, característica marcante relacionada à passagem da Bíblia.

Considerações finais

Neste texto buscamos apresentar nosso projeto de pesquisa que está em fase inicial de estudo. Portanto, não apresentamos resultados, mas a temática que está sendo analisada, a fonte e o estágio atual de nossa investigação.

Atualmente, estamos nos dedicando ao estudo do contexto histórico de Odorico de Pordenone. Também estamos realizando um levantamento de outros registros de viagens produzidos na mesma época ou próximas de nossa fonte.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa pretendemos analisar a visão cristã de Odorico de Pordenone em relação ao paganismo do Extremo Oriente. Nosso objetivo específico é entender a ideia do “maravilhoso” presente em seu relatório de viagem.

Referências

FERRARI, Fernando Ponzi. **As Várias Viagens de Odorico**: produção e assimilação de uma narrativa de viagem do século XIV. Dissertação (Mestrado em Historia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/108938/000948175.pdf?sequence=1> Acesso: 15/03/2017.

FERRARI, Fernando Ponzi. *Nuove e Strane e meravigliose cose*: As alterações nas práticas de leitura das traduções do *Relatio* de Odorico de Pordenone (1330). In: **Dossiê Os primeiros passos dos escritos em língua vernácula na Idade Média**, v.5, n.1, p. 5-30. 2016. Disponível em <http://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiacultura/issue/download/90/20> Acessado 15/03/2017

LABARGE, Margaret Wade. **Viajeros Medievales**: los ricos y los insatisfechos. San Sebastian, Nerea, 1992.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LOPES, Paulo. **Os livros de viagens medievais**. Instituto de Estudos Medievais/ FCSH- UNL, 2006.

MARROU, Henri- Irénée. A história faz-se com documentos. In: ____. **Sobre o conhecimento Histórico**. Rio de Janeiro; Zahar editores, 1978.

MOLLAT, Michael. **Los exploradores del siglo XIII al XVI**. 1. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

PHILLIPS, J. R. S. **La expansion medieval de Europa**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

POPEANGA, Eugenia. El relato de viajes de Odorico de Pordenone. Madrid, Editorial Complutense, Revista de Filología Románica, n. 9, p. 37-61, 1992.